

Geomorfologia e Geoturismo: Um Olhar Para Os Potenciais Do Município De Indianópolis/ Minas Gerais

BENTO, L. C. M., Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, (liliancmb@yahoo.com.br); RODRIGUES, S. C. Profº Drº da Universidade Federal de Uberlândia, (silgel@ufu.br)

Resumo: O presente artigo apresenta os resultados preliminares de uma dissertação de mestrado, obtidos a partir de revisão bibliográfica e trabalhos de campo na área em questão. A partir desta metodologia depreendeu-se que é grande o potencial geoturístico de Indianópolis, este devendo ser submetido a um rigoroso planejamento turístico visando o desenvolvimento sustentável e a conservação dos fatores bióticos e abióticos da paisagem.

Palavras-chave: Geoturismo, Indianópolis, Planejamento turístico.

Abstract: This research shows the first results of a master degree dissertation, obtained by means of a bibliographic review and works on the field of research area. After this methodology, it was observed a high potential of the geo-tourism in Indianópolis, which have to be submitted to a tourism planning very rigorous, aiming the development sustainable and the conservation of the biotic and no-biotic factors of the landscape.

Key words: Geo-tourism, Indianópolis, Tourism planning.

1. Introdução

O turismo emerge no século XXI como uma das atividades do setor terciário que mais cresce, representando ótima opção de desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental.

Dentro da infinidade de modalidades turísticas existentes, aquelas realizadas em áreas naturais, como ecoturismo, geoturismo e turismo rural, são as que têm se destacado na atualidade.

De acordo com Lima (2003), o aumento de viagens para áreas naturais tem como justificativa a pressão dos ambientalistas, estresse, deteriorização da qualidade de vida urbana, surgimento de uma nova consciência ambiental, entre outros.

Reconhecido pela diversidade e beleza de suas cachoeiras, Indianópolis possui potenciais naturais que podem ser aproveitados pela atividade turística no município.

O objetivo desse estudo é identificar os potenciais naturais que podem ser explorados pelo geoturismo em Indianópolis, o que, posteriormente, contribuirá com o planejamento turístico do município, propiciando a sua exploração sustentável.

“O planejamento do turismo pode e deve converter-se em importante ferramenta para se alcançar a sustentabilidade econômica, sociocultural e ambiental dos locais, em particular de uma região e do país todo”. (DIAS, 2003, p. 154).

Além disso, a identificação e futuro aproveitamento sustentável do potencial geoturístico de Indianópolis é também uma oportunidade de divulgar e entender geologia e geomorfologia, o que resultará na conservação desse tipo de patrimônio natural.

A metodologia utilizada para a realização desse estudo divide-se em revisão bibliográfica pertinente ao tema e trabalhos de campo nas áreas com potencial para a prática do geoturismo.

2. Resultados e Discussão

Etimologicamente, turismo deriva do latim *tornus* significando ação de movimento e retorno e é composto pelo SISTUR – Sistema Turístico. Esse sistema é um conjunto complexo de inter-relações de diferentes fatores: demanda, oferta, espaço geográfico e operadoras de mercado.

A demanda é formada pelos consumidores da oferta turística, são os turistas. A oferta compreende todos os produtos e serviços colocados à disposição do turista; o espaço geográfico é o local onde se localiza a oferta e as operadoras de turismo são os agentes que participam da atividade turística, intermediando a relação entre o turista e o produto turístico.

Devido às diferentes motivações que levam as pessoas a viajarem, o turismo foi segmentado em modalidades específicas, como de aventura, esportivo, religioso, gastronômico, rural, ecoturismo, geoturismo e muitos outros.

O geoturismo é um segmento turístico recente, tendo Thomas Hose como um de seus precursores na Europa. Segundo ele, geoturismo compreende

a provisão de facilidades interpretativas e serviços para promover o valor e os benefícios sociais de lugares e materiais geológicos e geomorfológicos e

assegurar sua conservação, para uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesse recreativo ou de lazer. (HOSE, 2000 apud RUCHKYS; MANTESSO NETO, NASCIMENTO, 2007, p. 4).

A National Geographic Society e a Travel Industry Association dos Estados Unidos definem geoturismo de forma mais abrangente, estendendo-o à prática turística que privilegia as características geográficas de um lugar, tanto o meio natural como “a cultura, estética, patrimônio e bem-estar dos seus residentes”. (STEVE et al., 2002 apud RUCHKYS, MANTESSO NETO, NASCIMENTO, 2007, p. 5).

Já Dowling e Newsome (2006) relacionam o prefixo *geo* da palavra geoturismo com a geologia e geomorfologia de uma paisagem, considerando-o um subsegmento do ecoturismo. (Apud RUCHKYS, MANTESSO NETO, NASCIMENTO, 2007).

Vieira e Cunha [20--?, p.4], também destacam o patrimônio geomorfológico dentro da atividade turística, argumentando que ele é, na maioria das vezes, negligenciado e esquecido “enquanto recurso ambiental, turístico ou, mesmo, enquanto suporte da vida e atividades humanas”.

Manosso, entretanto, ressalta que apesar dessa modalidade turística ser associada aos patrimônios geomorfológico e geológico não deve ficar restrito às feições mais belas ou interessantes. Ele argumenta que o geoturismo deve ser considerado como “qualquer visita turística de uma pessoa ou grupo a um lugar cujo objetivo é apreciar, entender ou se interar com a paisagem”. (Manosso, 2007, p. 48).

Uma das premissas dessa modalidade é a conservação dos fatores abióticos de uma paisagem, visto que outras modalidades, como o ecoturismo, enfatizam os elementos bióticos. Os exemplos mais comuns de atrativos geoturísticos são os monumentos, feições e afloramento geológicos; cachoeiras; cavernas; sítios fossilíferos; fontes termais, paisagens etc.

O município de Indianópolis tem uma área de 833,870 km², localiza-se no Triângulo Mineiro, oeste de Minas Gerais (mapa 1) e apresenta um leque de atrativos que podem ser aproveitados pelo geoturismo.

O clima de toda região do Triângulo Mineiro é o tropical com duas estações bem definidas: inverno seco e verão chuvoso, com uma precipitação média anual de 1600 mm. Vasconcelos (2004, apud Borges, 2004, p. 235), explica que “no inverno, a temperatura média

da região atinge cerca de 18^o C e no verão a média é de 24^o C, sendo a média anual ficando em 22^o C”.



Mapa 1 – Localização de Indianópolis - 2008
Fonte: Adaptado do site: <http://www.wikipedia.org>.

Inserido no Bioma Cerrado, essa região apresenta paisagens divididas em áreas de campo limpo, campo sujo, cerrado *strictu sensu* e o cerradão. Nas vertentes predomina a floresta tropical sub-caducifólia e nos fundos de vales a mata ciliar ou galeria. Nesse último aparecem também os campos hidromórficos, com exsudação do lençol freático e presença de buritis, formando as veredas.

Os principais tipos de solo encontrados no Triângulo Mineiro são o Latossolo Vermelho-escuro e Vermelho-amarelo, próprios das áreas de arenito e o Latossolo-roxo, acompanhando as áreas de afloramento do basalto na formação Serra Geral. (CANDIOTTO, 2001).

Considerando a Geomorfologia, essa região apresenta cinco importantes Unidades Morfoestruturais: Complexo Granito-Gnáissico, Bacia Sedimentar do Paraná, Faixa de Dobramento, Intrusões Dômicas e Bacia Sedimentar Cenozóica.

De acordo com Baccaro, Ferreira, Rocha e Rodrigues, a região encontra-se, na sua maior porção, na morfoestrutura Bacia Sedimentar do Paraná e neste existem as rochas do Grupo Bauru (Cretáceo), como as formações Uberaba, Marília e Adamantina, sotopostas às rochas basálticas da Formação Serra Geral do Grupo São Bento (Mesozóico) e

acima das rochas do Grupo Bauru, encontram-se os Sedimentos Cenozóicos inconsolidados, formando os terrenos de maiores altitudes. Todo esse pacote sedimentar da Bacia do Paraná na região do Triângulo Mineiro, encontra-se

assentado sobre as rochas Pré-Cambrianas do Grupo Araxá, ocorrendo ainda áreas de afloramento do Complexo Basal ou Granito-Gnáissico. (2001, p. 116).

Considerando a localização de Indianópolis, podemos inseri-lo, principalmente, na Unidade Morfoescultural do Planalto Tabular e o Canyon do rio Araguari, sendo que a maior altitude do município é de 1003 m, próximo à Lagoa dos Bexiguentos e a mínima é de 649 m, junto à foz do Córrego Amparo.

Dentro das Unidades Geomorfológicas do Triângulo Mineiro existe ainda uma outra subclassificação que considera as áreas de relevo intensamente dissecado, áreas com relevo medianamente dissecado, áreas elevadas de cimeira entre 950 e 1050 m e áreas de relevo residual.

No município de Indianópolis identificamos apenas duas áreas, as de relevo intensamente dissecado e áreas elevadas de cimeira. As primeiras correspondem “à borda da extensa chapada Araguari-Uberlândia, estendendo-se até o rio Paranaíba e Grande, que vem sendo intensamente dissecada, entalhada pelos seus afluentes, mostrando vertentes abruptas, corredeiras, cachoeiras (...)”. (BACCARO, 1991, p. 38).

Nessa área existem duas porções, uma mais elevada (700 a 800 m) e outra rebaixada e voltada para os rios Araguari e Paranaíba, entre 640 e 700 m.

Conforme Candioto, nessa área foi a erosão remontante

a principal esculptadora do relevo nos fundos de vale e, conseqüentemente, das cachoeiras que correm geralmente sobre o basalto da Formação Serra Geral. Esse processo caracteriza-se pelo desgaste do vale em razão de seu nível de base local, que ocorre no sentido foz-nascente. Ao encontrar um substrato mais resistente (basalto) esse desgaste é barrado através de estruturas denominadas rupturas de declive, que nessa área apresentam-se na forma de cachoeiras e corredeiras. (2001, p. 100-101).

A outra feição encontrada em Indianópolis engloba as áreas elevadas de cimeira entre 950 e 1050 m, com topos planos, amplos e largos. Essas têm por características a baixa densidade de drenagem e vales com pouca ramificação de drenagem. A maioria dos vales é ampla, com fundo úmido e presença de buritis.

A arquitetura geológica e geomorfológica de Indianópolis, aliada à interação destes com outros fatores naturais e com o homem, revela paisagens singulares, como cachoeiras,

piscinas naturais, reservatório da Usina Hidrelétrica de Miranda etc., que podem ser aproveitadas pelo turismo, principalmente ecoturismo e geoturismo. (Fotos)



Foto 1: Cachoeira Bela Taanda, Indianópolis
Fonte: Bento, L. C. M., 2008.



Foto 2: Cachoeira de Mandaguari
Fonte: Bento, L. C. M., 2008.



Foto 3 – Piscina natural acima da Cachoeira Bela Taanda, Indianópolis
Autor: Bento, L. C. M. / 2008.



Foto 4 – Lago de Miranda, Indianópolis
Autor: Bento, L. C. M. / 2008.

A maioria das cachoeiras é de fácil acesso e estão distantes, no máximo, 30 km do centro urbano de Indianópolis. Além do banho e da apreciação da paisagem, é possível realizar outras atividades em algumas cachoeiras, como de Mandaguari, Furnas e Britador, entre essas podemos citar o rapel e bóia-cross. É possível desenvolver também trilhas ecológicas e atividades ligadas à educação ambiental, o que muito contribui na geração de paradigmas preocupados com a conservação e sustentabilidade ambientais.

Outra opção para o geoturista é o reservatório de Miranda, local de grande beleza cênica e potencial para a prática de esportes náuticos (canoagem, pesca esportiva, passeios de barco, esqui-aquático etc.).

No meio natural de Indianópolis podem ser praticadas diversas atividades voltadas para agradar tanto o turista que procurou desenvolver o ecoturismo, geoturismo, turismo rural ou todos estes ao mesmo tempo. O importante é que essas modalidades turísticas tenham como ponto de partida a preocupação com:

- Elementos educacionais e de interpretação;
- Proteção de áreas naturais (elementos bióticos e abióticos);
- Redução dos impactos negativos;
- Sustentabilidade etc.

A sustentabilidade, em geral, tem como premissa o desejo de satisfação não só das gerações atuais como as futuras, evitando o comprometimento da capacidade suporte do planeta Terra. Dentro do turismo, essa sustentabilidade pode ser alcançada desde que ele seja desenvolvido de maneira que não degrade ou altere o meio ambiente natural ou cultural que usufrui, não interfira no desenvolvimento de outras atividades e processos e não degrade a qualidade de vida da população local. (LADWIG, NUNES, 2004).

Essa sustentabilidade não é fácil de ser obtida, pois o geoturismo, assim como outras modalidades turísticas praticadas no Brasil, tem sido implantado de forma desordenada, impulsionado quase que exclusivamente “(...) pela oportunidade mercadológica, deixando, a rigor, de gerar os benefícios sócio-econômicos e ambientais esperados e comprometendo, não raro, o conceito e a imagem do produto turístico brasileiro nos mercado interno e externo”. (EMBRATUR, 1994, p. 9).

Inclusive, por não existir ainda um planejamento turístico em Indianópolis já é possível visualizar estigmas da degradação humana, como desmatamento e acúmulo de lixo próximo às cachoeiras e construção irregular ao longo do Lago de Miranda.

Dessa forma, o geoturismo, e o turismo como um todo, precisam ser trabalhados mediante estudos científicos e planejamento da atividade, estimulando a integração harmoniosa entre turismo e o homem, possibilitando a experiência turística aos cidadãos e protegendo os recursos naturais.

As pesquisas científicas voltadas para a compreensão de todas as relações e impactos turísticos encontram um campo fértil em diversos ramos do conhecimento: sociologia, geografia, economia, administração etc.

Conti explica que é inequívoca a relação entre a geografia e o turismo, este último sendo “um processo que interessa à sociedade e à natureza, e, por essa razão, está vinculado de forma muito estreita aos objetivos da geografia enquanto ciência que se propõe a interpretar os arranjos espaciais da superfície terrestre e a decodificar toda a complexidade de seu dinamismo”. (2003, p. 68).

Nessa perspectiva e diante de um território nacional com extrema diversidade biótica e abiótica, a Geografia torna-se importante ferramenta para análise dos potenciais e impactos do geoturismo e de várias outras modalidades turísticas, compatibilizando desenvolvimento

econômico com melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas e dos patrimônios naturais e culturais.

3. Considerações Finais

Diante do exposto, é possível depreender que Indianópolis apresenta evidentes potenciais que podem ser aproveitados turisticamente, principalmente aquelas modalidades que têm na natureza a sua matéria-prima: ecoturismo, geoturismo e turismo rural.

Destacamos aqui principalmente as possibilidades para o desenvolvimento do geoturismo, por este ater-se aos atrativos naturais abióticos, como características geológicas e geomorfológicas.

Sendo assim, ao estimular o desenvolvimento sustentável e planejado do geoturismo em Indianópolis estamos, ao mesmo tempo, estimulando o surgimento de um novo olhar e postura frente aos cenários naturais elaborados pela geologia e geomorfologia, suscitando também a importância de se conhecer e preservar tanto os fatores bióticos como os abióticos.

4. Agradecimentos

À FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa e à Prefeitura Municipal de Indianópolis.

Referências Bibliográficas

BACCARO, C. A. D. Unidades Geomorfológicas do Triângulo Mineiro – estudo preliminar (1991). **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 3, n. 5 e 6, p. 37 – 42, dez. 1991.

BACCARO, C. A. D.; FERREIRA, I. L.; ROCHA, M. R.; RODRIGUES, S. C. (2001) Mapa geomorfológico do Triângulo Mineiro: uma abordagem morfoestrutural-escultural. **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 13, n. 25, p. 115 – 127, jan./dez. 2001.

BORGES, M. A. (2004) **Indianópolis – por aqui passaram os bandeirantes**. Uberlândia: Composer, 252 p.

CANDIOTTO, L. Z. P. (2001) Indicadores para o desenvolvimento do turismo ecoturístico na bacia do rio Araguari-MG. **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 13, n. 25, p. 91 – 114, jan./dez. 2001.

CONTI, J. B. (2003) Ecoturismo: paisagem e geografia. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Ecoturismo no Brasil – possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto. p. 59 – 69.

DIAS, R. (2003) **Planejamento do turismo**. São Paulo: Atlas. 226 p.

EMBRATUR. (1994) **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: Embratur. 48 p.

LADWIG, N. I.; NUNES, M. S. (2004) .Avaliação das potencialidades do Morro do Forte como local para o desenvolvimento da prática do ecoturismo. **Revista Eletrônica de Turismo**, [s.l.], v. 3, n. 2, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.presidentekennedy.br/retur.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2007.

LIMA, M. L. C. (2003) (Eco) turismo em Unidades de Conservação. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Ecoturismo no Brasil – possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto. p. 71-89.

LOCALIZAÇÃO DE INDIANÓPOLIS. (2008) Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em: mar. 2008.

MANOSSO, F. C. (2007) Geoturismo: uma proposta teórico-metodológica a partir de um estudo de caso do município de Apucarana-PR. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.cvt-rj.net>>. Acesso em: 01 mar. 2008.

RUCHKYS, V. A.; MANTESSO NETO, V. ;NASCIMENTO, M. A. L. do. (2007) Geoturismo: um novo segmento do turismo no Brasil. **Global Tourism**, [s.l.], v. 3, n. 2, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicodeturismo.com.br>>. Acesso em: 01 mar. 2008.

VIEIRA, A.; CUNHA, L. (2008) **Patrimônio geomorfológico – tentativa de sistematização.** [20--?]. Disponível em: <<http://www.geografia.uminho.pt>>. Acesso em: 01 mar. 2008.